

**Super-Homem:  
Do herói mítico ao guerreiro moderno<sup>1</sup>**

**João de Mancelos  
(Universidade da Beira Interior)**

**Palavras-chave:** Super-homem, super-herói, Aquiles, mitos gregos, nova mitologia.

**Keywords:** Superman, super-hero, Achilles, Greek myths, new mythology.

“Superheroes were born in the minds of people desperate to be rescued.”

— Jodi Picoult, *The Tenth Circle*

**Introdução: O eterno retorno dos heróis**

Na minha adolescência, uma parte da mesada voava, como o Super-Homem, para o quiosque da esquina, onde regularmente adquiria bandas desenhadas de heróis pertencentes ao universo da Marvel ou da D.C. Comics. Lia as suas aventuras com a mesma avidez que um iniciado escutava os mitos soteriológicos da tribo, numa aldeia longínqua em África, ou os antigos gregos memorizam trechos da *Iliada* homérica e relatavam aos filhos lendas antropogónicas.

De facto, os mitos não morrem; reciclam-se através dos tempos (Jabouille, 1996: 13). Aquiles, o herói grego por excelência, vestiu colãs azuis e uma capa vermelha para se transformar no Super-Homem; Afrodite já não emerge da espuma, mas exhibe a sua beleza, meneando-se numa *passerelle*; Atena, deusa grega do conhecimento, mudou de sexo, deixou crescer uma longa barba, chama-se Alvo Dumbledore e vive na Escola de Magia e Bruxaria de Harry Potter.

Os arquétipos do herói, da donzela e do sábio, entre outros, permanecem, num “continuum” transversal a todos os tempos, lugares e povos. Nas palavras do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), desta galeria, destaca-se o herói, figura que enfrenta obstáculos, protagoniza uma demanda por uma princesa, um elixir ou um tesouro, por exemplo: “The hero symbolizes a man’s unconscious self, and this manifests itself empirically as the sum total of all archetypes” (Jung, 1974: 333).

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “Super-Homem: Do herói mítico ao guerreiro moderno”. *Forma breve: A fúria de Aquiles: As faces da guerra* (Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro) 19 (2022): 427-434. ISSN: 1645-927X.

Tal arquétipo oculta-se, adormecido, no inconsciente coletivo; mas, desperta, energicamente, sob a figura de super-herói, na banda desenhada, nos romances gráficos, nos videojogos e no cinema. Trata-se de uma nova mitologia, como lhe chamou Richard Reynolds, inspirada, com frequência, em figuras lendárias (Reynolds, 1992: 7-8).

Na cada vez mais extensa galeria de heróis, um se destaca: o Super-Homem, produto da imaginação de Jerry Siegel e Joe Shuster. O primeiro explica sucintamente a epifania que originou este protagonista, bem como as figuras míticas que o inspiraram:

I am lying in bed counting sheep when, all of a sudden, it hits me. I conceive a character like Samson, Hercules, and all the strong men I have ever heard tell of rolled into one. Only more so. I hop right out of bed and write this down, and then I go back and think some more for about two hours and get up again and write that down. This goes on all night at two-hour intervals, until in the morning I have a complete script. (cit. in Dauber, 2021: 320)

Nesta comunicação, pretendo demonstrar que o Super-Homem possui qualidades e fragilidades típicas dos heróis da mitologia grega, relativamente aos seguintes aspetos: linhagem, sabedoria, superpoderes, guerra, amor e vulnerabilidade. Embora influenciado por figuras clássicas, o herói moderno possui também características únicas e adequadas à nossa era, que permitiram manter a sua popularidade e torná-lo numa figura transmediática.

Para exemplificar a minha análise, recorro a mitos, lendas, revistas da banda desenhada, filmes e séries. Escoro a minha investigação com ensaios de diversos mitólogos, antropólogos e guionistas.

## **1. Linhagem**

Numerosos heróis da mitologia grega descendiam de deuses, semideuses ou aristocratas. Por exemplo, Hércules era filho do próprio Zeus, pai das divindades, e de uma mortal, Alcmena; Aquiles, o sétimo filho de Peleu, rei da cidade de Ftia, na Tessália, e de Tétis, uma divindade marítima; Jasão, a semente do rei deposto de Iolcos, etc.

Kal-El, o verdadeiro nome do Super-Homem, também apresenta uma ascendência invulgar: é filho de dois extraterrestres de Krypton, Jor-El, um cientista de renome, e Lara, a sua esposa, ambos com poderes invulgares. Quando o planeta, composto sobretudo de cristal, está prestes a desintegrar-se, os pais enviam o bebé numa nave espacial rumo à Terra, para o salvarem do cataclismo (Donner, 1978: 1).

Aí, a criança é descoberta num campo por um casal de meia-idade e sem filhos, Jonathan e Martha Kent. Estes adotam o menino órfão, transmitem-lhe sólidos valores morais e

encorajam-no a utilizar os seus poderes ao serviço da justiça. Kal-El, agora conhecido como Clark Kent, passa com eles a infância e a juventude, em Smallville, uma típica localidade rural do Kansas. Depois, parte, incógnito, à aventura na grande cidade de Metrópolis, feita à imagem e semelhança de Nova Iorque (Donner, 1978: 1-3).

## 2. Sabedoria

Para os filósofos gregos do mundo antigo, a sabedoria incluía características como a virtude, o bom-senso e o conhecimento (Guthrie, 2000: 20). Diversas figuras míticas encarnam esta qualidade: saliento Apolo, deus das artes, em geral, e da música, em particular; Atena, divindade da sabedoria e da civilização; ou Hermes, senhor da eloquência e do discurso persuasivo e, como tal, patrono dos oradores e dos arautos.

Também a sapiência, no sentido de *erudição*, é valorizada nas aventuras do Super-Homem. Graças ao seu conhecimento enciclopédico, este é, sem dúvida, o mais culto herói da moderna mitologia. Durante a longa jornada entre o mundo-natal e a Terra, Jor-El, seu pai, educou o menino, através de gravações, tornando-o proficiente em todas as línguas, ciências e artes, pelo que, no término da viagem, Kal-El já era um sábio inigualável. Curiosamente, numa gafe monumental do guionista Mario Puzo, o pai explica ao menino os princípios da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, que apenas seria proposta longo tempo depois do planeta Krypton ser reduzido a pó (Donner, 1978: cap. 3).

## 3. Superpoderes

A mitologia grega apresenta uma extensa lista de heróis com poderes sobre-humanos: Hermes transformava-se num cometa; Tufão varria a terra com a cauda; Prometeu criava pessoas e animais a partir do barro; Hades ressuscitava soldados e obrigava-os a obedecer às suas ordens, etc. Tais maravilhas continuam a fascinar os leitores das lendas e mitos greco-latinos, pelo que não surpreende que os modernos cartunistas tenham recorrido aos superpoderes como característica quintessencial das suas personagens.

Quando, em junho de 1938, o Super-Homem é apresentado ao público na revista *Action Comics*, o editor, Harry Donenfeld, por pouco não validou a capa, que mostrava o herói a erguer sozinho um automóvel, pois tal constituía uma tarefa inexequível. No entanto, era justamente isto que subvertia o horizonte de expectativas e fascinava os leitores: a capacidade de executar o humanamente impossível (Gent, 2010: 53).

De facto, o Super-Homem é praticamente invulnerável à dor; detém uma força hercúlea

e, daí, o cognome de “homem de aço”; possui uma visão de raio X que lhe permite perscrutar tanto o interior dos edifícios, como admirar a lingerie de Lois Lane, numa cena humorística do filme dirigido por Donner; tem a capacidade de queimar ou de gelar com um só sopro; e, impressionante, esvoaça entre os arranha-céus de Metrópolis ou ao redor da Terra a alta velocidade (Gent/Heatley, 2010: 55). Neste âmbito, tornou-se célebre a apresentação da série *Adventures of Superman*, realizada, entre outros, por Thomas Karr, que magnetizou os telespetadores entre 1952 e 1958:

NARRATOR: Faster than a speeding bullet. More powerful than a locomotive.  
Able to leap tall buildings in a single bound.  
MAN 1: Look! Up in the sky! It's a bird!  
WOMAN 1: It's a plane!  
MAN 2: It's Superman!  
(Karr, 1952: introdução)

Tais palavras viriam a ser referidas numerosas vezes e com pequenas variações em revistas de banda desenhada e programas radiofónicos, ao ponto de se tornarem numa *tag line* e parte da cultura popular norte-americana.

#### 4. Guerra

A mitologia helénica é rica em guerreiros destemidos: destaco figuras como Aquiles, o mais corajoso combatente da Guerra de Tróia; Teseu, que enfrentou e aniquilou o Minotauro; Perseu, responsável por cortar a cabeça à górgona Medusa; e também diversos povos, como os mirmídones e os espartanos, célebres pela sua coragem e destreza em combate.

Sendo o lema do Super-Homem “Truth, Justice and the American Way”, a personagem tudo arrisca no infundável combate contra o crime em Metrópolis. Quotidianamente, combate ladrões, assassinos ou mesmo supervilões. Por vezes, os propósitos deste herói são ainda mais ambiciosos. Dois anos antes do envolvimento dos Estados Unidos da América na Segunda Guerra Mundial, a revista *Look* de 27 de fevereiro de 1940 apresenta uma história de apenas duas páginas intitulada “How Superman Would End the War”. Aqui, o homem de aço aperta Hitler pelos colarinhos, declarando: “I’d like to land a strictly *non-Arian* sock on your jaw, but there’s no time for that!” O Führer, assustado, geme: “Put me down! You’re hurting me!” Por certo que escrever este guião agradou particularmente a Jerry Siegel e Joe Shuster, ambos judeus (Lund, 2016: 106-108).

A reação alemã não se fez esperar, alegadamente pela pena de Josef Goebbels, o ministro da propaganda Nazi. Em 25 de Abril de 1940, no *Das Schwarze Korps*, o jornal oficial

das SS, acusou os cartunistas de tentarem lavar o cérebro dos adolescentes norte-americanos:

Jerry Siegel, an intellectually and physically circumcised chap who has his headquarters in New York is the inventor of a colorful figure with an impressive appearance, a powerful body, and a red swimsuit who enjoys the ability to fly through the ether. (...) He advertised widely Superman's sense of justice, well-suited for imitation by the American youth.

As you can see, there is nothing that Sadducees won't do for money!

(Rifas, 2021: 42-43)

Com o passar do tempo, o Super-Homem adaptou a sua luta aos desafios da sociedade norte-americana: nos anos trinta, enfrentava vilões como o icónico Lex Luthor, um verdadeiro tudo-em-um: narcisista maligno, homem de negócios sem escrúpulos e cientista louco; na década de quarenta, desbaratava Nazis; durante a Guerra Fria, o alvo mudou para os comunistas; nos anos 70, denunciou o sistema judicial corrupto; recentemente, anunciou a sua bissexualidade e pugnou pela igualdade de género (Fingerroth, 2006: 17).

## 5. Amor

A mitologia grega é fértil em histórias trágicas de amor ou em relacionamentos impossíveis. Recordo Hero, uma sacerdotisa de Afrodite, que vivia em Sisto, no Helesponto, e Leandro, o seu apaixonado, habitante no outro extremo, em Abidos. Todas as noites, o jovem arriscava a vida, atravessando o estreito para se encontrar com a amada. Contudo, no Inverno, durante uma tempestade terrível, afoga-se. Também Orfeu protagoniza uma história trágica: apaixonou-se pela ninfa Eurídice, que morre no dia do casamento, picada por uma serpente venenosa. O noivo tenta resgatá-la do submundo; Hades concorda, desde que o músico não volte o rosto para a contemplar. No entanto, sucumbe à tentação, e a jovem fica para sempre cativa nas trevas. Um último exemplo: Alcíone e Ceix eram um par de tal modo apaixonado que até os deuses os admiravam. Contudo, começaram a tratar-se por Hera e Zeus, uma arrogância que desagradou ao Olimpo. Para os castigar, Zeus enviou um raio que causou o naufrágio do navio onde Ceix seguia. O seu corpo deu à costa, e Alcíone, incapaz de suportar o desgosto, afogou-se.

Também a história de amor entre o jornalista Clark Kent, identidade terrena do Super-Homem, e Lois Lane, sua colega no mais importante periódico de Metrópolis, *The Daily Planet*, é trágica porque quase impossível. A timidez e o perigo conduzem o jovem a dissimular a sua condição de herói, perdendo o trunfo maior, que poderia conduzir ambos à felicidade. Tal nervosismo é bem conhecido de qualquer indivíduo caído de amores, concede credibilidade à

personagem e adiciona uma nota humorística, ou “comic relief”, à narrativa (Fingerroth, 2006: 35). Como assinala o antropólogo Mircea Eliade:

Super-Homem, uma personagem fantástica, tornou-se extremamente popular sobretudo graças à sua dupla identidade: proveniente de um planeta desaparecido após uma catástrofe, e dotado de poderes prodigiosos, o Super-Homem vive na terra sob a modesta aparência de um jornalista, Clark Kent; mostra-se tímido, apagado, dominado pela colega Lois Lane. (Eliade, 1990: 155)

Foram necessários 53 anos para que o segredo do Super-homem fosse, finalmente, revelado. Na revista *Action Comics* de janeiro de 1991, Clark, perante a atónita Lois, rasga a camisa, mostra o fato com o icónico “S”, e admite: “Lois, for the past few years, I’ve lived a double life, using the name you gave me after I was forced to use my powers in public to prevent the crash from that experimental spaceplane. Ever since that day, I’ve been both Clark Kent... and *Superman!*” (Fingerroth, 2006: 35).

## 6. Vulnerabilidades

Na mitologia grega, é frequente encontrar deuses, semideuses ou heróis que apresentam fraquezas humanas, sejam elas físicas ou de carácter. Refiro-me, por exemplo, à crueldade de Zeus para com Prometeu; à loucura de Hércules, que chacinou a família; à curiosidade de Pandora, que não resistiu a abrir a caixa de todas as pragas; e ao célebre calcanhar de Aquiles, o seu ponto fraco, que lhe valeu a morte, quando foi atingido por uma flecha de Páris.

Similarmente, o homem de aço possui uma fragilidade: a kryptonite, um material cristalino e de cor esverdeada, proveniente do seu planeta de origem, como o nome indica. O mineral radioativo subtrai-lhe a força e retira-lhe os superpoderes ao ponto de o colocar em perigo de vida. Como tal, diversos arqu-inimigos, com destaque para Lex Luthor, recorrem à kryptonite para tentarem derrotar o Super-Homem. Ao propiciar o hipotético fracasso das suas missões, tal gera suspense, obriga-o a lutar até ao limite e, naturalmente, humaniza-o. No entender de Dorothy Woolfolk, a primeira mulher editora da D.C. Comics, a invulnerabilidade de Super-Homem estava a tornar-se enfadonha, pelo que a kryptonite adicionou interesse e imprevisibilidade às histórias de banda desenhada (Tippens, 2000).

Tal como Aquiles, também o Super-Homem quase tombou vítima da sua vulnerabilidade, no filme *Batman v. Superman: Dawn of Justice* (2016), uma megaprodução assente em dispendiosos efeitos especiais gerados por computador e dirigida por Zack Snyder.

Bruce Wayne, o cientista que encarna secretamente a figura de Batman, criou uma lança feita de kryptonite. Esta mata o mais icónico dos heróis contemporâneos — temporariamente, já que os argumentistas o viriam a ressuscitar.

Como se justificam tais vulnerabilidades nos heróis míticos de ontem e de hoje? Reconhecer numa personagem uma parte de nós gera identificação; saber que, apesar de todas as qualidades e superpoderes também possui defeitos, humaniza-o; constatar que é de carne e osso, concede-lhe credibilidade. Tal é particularmente importante em figuras como Super-Homem, tão fantástica e inverosímil que é difícil suspender a coleridgiana descrença. Como nota o escritor Nigel Watts, o processo de criar empatia volve-se imprescindível, porque, afinal, a ficção é *para* pessoas e *sobre* pessoas (Watts, 2007: 57-58).

### **Conclusões: Um herói para a era do terrorismo**

Existem numerosos pontos de contacto entre homem de aço e os protagonistas da antiguidade clássica, atestando a sobrevivência do arquétipo do herói. Nas palavras de Victor Jabouille: “*Mito* é a palavra-chave, o traço de união que, tentacularmente, aproxima e, numa distância sem espaço e numa cronologia sem tempo, permite falar de Teseu e pensar em Zorro ou relembrar Édipo e divagar até Rómulo e Remo, Gilgamés, Moisés” (Jabouille, 1996: 13).

Porquê esta sede de odisséias protagonizadas por indivíduos maiores do que a vida? É o prefixo “super” que eleva a expectativa, sacia a sede de justiça e corresponde ao irreprimível desejo de ultrapassarmos a humana condição. Segundo Jacques Marny, autor de *Sociologia das Histórias aos Quadrinhos*, Super-Homem, Homem-Aranha, Mulher-Maravilha ou mesmo uma tartaruga Ninja “são personagens vivos, mágicos da ilusão e da fantasmagoria, mas também são mestres do sonho e símbolos do desejo de poder” (Marny, 1970: 277).

Sem surpresa, após os ataques de 11 de setembro de 2001, que iniciaram a era do terror, surgiu uma vaga de filmes protagonizados por super-heróis: *Sucker Punch* (2011), *The Dark Knight Rises* (2012), *X-Men: Days of the Future Past* (2014), *The Fantastic Four* (2015), etc. Os norte-americanos ansiavam quer pela segurança, quer pela fúria vingativa dos heróis mais amados. Perante a catástrofe, muitos invocaram os deuses e santos da sua devoção. Em meu entender, o mais significativo apelo não proveio destes, mas sim de uma fã que, ao ver desmoronar-se uma das torres do World Trade Center, perguntou, atónita: “Where is Superman?” (Anders, 2011: 1).

### Bibliografia

- Anders, Charlie Jane. "Where would superheroes be without 9/11?" *Gizmodo: Tech. Science. Culture*. 7 Sept. 2011. Retrieved: 29 Jan. 2022. <http://io9.com/5837450/where-would-superheroes-be-without-911>
- Dauber, Jeremy. *American Comics: A History*. New York: W. W. Norton, 2021.
- Eliade, Mircea. *Aspectos do Mito*. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1990.
- Fingeroth, Danny. *Superman on the Couch: What Superheroes Really Tell Us about Ourselves and Our Society*. New York: Continuum, 2006.
- Frensham, Ray. *Screenwriting*. London: Howtobooks, 2009.
- Gent, Mike, and Michael Heatley. *Little Book of Superheroes*. Southfleet: G2 Entertainment, 2010.
- Guthrie, W. K. C. *A History of Greek Philosophy: Volume 1, The Earlier Presocratics and the Pythagoreans*. Cambridge University Press, 2000.
- Jabouille, Victor. *Iniciação à Ciência dos Mitos*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1986.
- Jung, Carl Gustav. *The Collected Works of C. G. Jung: Symbols for the transformation*. Princeton University Press, 1974.
- Lund, Martin. *Re-Constructing the Man of Steel: Superman 1938–1941, Jewish American History, and the Invention of the Jewish-Comics Connection*. New York: Palgrave, 2016.
- Mancelos, João de. "Who Needs a Superhero? New Trends in Action and Adventure Movies". *Atas do III Encontro Anual da AIM*. Org. Paulo Cunha, e Sérgio Dias Branco. Lisboa: Associação de Investigadores da Imagem em Movimento, 2014. 162-170.
- Marny, Jacques. *Sociologia das Histórias aos Quadrinhos*. Trad. Maria Fernanda Margarido Correia; pref. René Goscinny. Porto: Civilização, 1970.
- Reynolds, Richard. *Super-Heroes: A Modern Mythology*. Jackson: University Press of Mississippi, 1992.
- Rifas, Leonard. *Korean War Comic Books*. Jefferson: McFarland, 2021.
- Tippens, Norman. "Dorothy Woolfolk, Superman Editor". *Daily Press*. 6 Dec. 2000. Retrieved: 29 Jan. 2021. [http://articles.dailypress.com/2000-12-06/news/0012060120\\_1\\_superman-comics-comic-books-superman-editor](http://articles.dailypress.com/2000-12-06/news/0012060120_1_superman-comics-comic-books-superman-editor)
- Watts, Nigel. *Writing a Novel and Getting Published*. London: Hodder Headline, 2007.

### Filmografia

- Donner, Richard, dir. *Superman: The Movie*. USA: Dovemead Films, 1978.

Karr, Thomas, dir. *Adventures of Superman*. TV Series. USA: Superman Inc., 1952-1958.

Snyder, Zack, dir. *Batman v Superman: Dawn of Justice*. USA: Warner Bros., 2016.

### **Resumo**

Os heróis míticos *não* morrem: reciclam-se através das eras. Nesta comunicação, pretendo demonstrar que o Super-Homem possui qualidades e fragilidades como os protagonistas da mitologia grega. Examinoo os seguintes aspetos: linhagem, sabedoria, superpoderes, guerra, amor e vulnerabilidade. Como exemplos, recorro a mitos, lendas, revistas da banda desenhada, filmes e séries. Substancio a minha investigação com ensaios de diversos mitólogos, antropólogos e guionistas de bandas desenhadas.

### **Abstract**

Mythic heroes do *not* die: they recycle themselves through the ages. In this paper, I intend to demonstrate that Superman possesses qualities and frailties like the protagonists of Greek mythology. I examine the following aspects: lineage, wisdom, superpowers, war, love and vulnerabilities. As examples, I resort to myths, legends, comic magazines, movies and series. I substantiate my research with essays from several mythologists, anthropologists, and cartoonists.